

**USO DO CONECTOR "QUE" EM ENUNCIADOS
SENTENCIAIS SUBORDINADOS, COMO
RELATIVIZADOR E COMO COMPLEMENTIZADOR**

Maria do Socorro Aguiar de O. Cavalcante
CEDU/UFAL - Mestranda/UFAL
Ana Maria Gama Florencio
Mestranda/UFAL
Heder Cleber de Castro Rangel
Mestrando/UFAL

INTRODUÇÃO

Enquanto a comunicação no reino animal se dá através de automatismos, decorrentes da adaptação biológica ao ambiente, a comunicação entre os homens surge da sua praxis, da necessidade de apreensão da realidade para operar sobre ela. O desenvolvimento da língua decorre pois de uma contínua articulação entre as necessidades e mudanças das relações sociais. Esse processo se dá, cotidianamente, à medida que os indivíduos entram em contato com a realidade, buscando sempre palavras novas para expressá-la.

A fala é um componente importante da praxis social e do conhecimento que dela surge. A fala dos indivíduos está sempre vinculada ao lugar que eles ocupam na sociedade.

Assim sendo, a língua falada em qualquer comunidade reflete não só a cultura e a vida social de um grupo, mas sua visão de mundo, o poder e a autoridade que as pessoas têm nas relações

econômicas e sociais, e, ainda, as diversas influências a que estão expostas.

Ora, se vivemos numa nação de dimensões continentais e de culturas diversificadas, cuja organização social se estrutura em classes de interesses antagônicos, é natural que essas diferenças sócio-econômico-culturais influenciem na forma dos indivíduos se expressarem.

Segundo Lobato (1978:43) "Já se tornou corriqueiro, em lingüística, afirmar que não existe língua una e que toda língua comporta variações em função de diversos fatores como: status social, região geográfica, idade, etc".

Lemle (1978:63) corrobora essa afirmação quando diz:

"A heterogeneidade lingüística dentro de uma vasta nação como a brasileira é um fato natural e por isso mesmo inevitável, decorrente da própria heterogeneidade social, pelos diferentes graus de coesão interna e contato inter-grupal das diversas comunidades".

Todas essas considerações apontam para uma única conclusão: que o comportamento lingüístico de uma pessoa tem relação direta, não só com a classe social a que pertence, mas, também, com o tipo de atividade que desenvolve. Assim sendo, não faz sentido a supervalorização de uma única variedade, em detrimento de outras, uma vez que o prestígio de uma variedade gera o desprestígio e o preconceito em relação a outras.

Tomemos os exemplos:

1. Conheci um rapaz de quem gostei muito

2. Conheci um rapaz que gostei muito

3. Conheci um rapaz que gostei muito dele.

Com relação ao entendimento do enunciado, nenhum problema; com relação à sua função comunicativa as três variedades não têm diferença. Logo, não há razão para considerar uma melhor do que as outras. São diferentes formas de dizer a mesma coisa.

Com relação à aceitação na sociedade letrada, no entanto, esses enunciados gozam de diferentes graus de prestígio. A forma (1), consagrada como norma padrão institucionalizada, desfruta de prestígio na sociedade letrada e o seu uso revela a "intelectualidade" de seus enunciantes; a forma (2), embora bastante difundida na fala coloquial, não desfruta do mesmo prestígio que a (1) e é rotulada como "não-padrão"; a forma (3), mais produzida pelas classes populares, notadamente na comunidade rural (cf. Assis, 1988:63), além do rótulo de "não-padrão", estigmatiza os falantes que dela se utilizam. Nessas circunstâncias favorece-se a variante do grupo social de status mais elevado e impinge-se o rótulo de "errada" à variante produzida pela classe social menos favorecida. Então, se como já dissemos anteriormente, as três variantes cumprem a mesma função comunicativa, o tratamento diferenciado que se lhes atribui - uma prestigiada, outra repudiada; uma "correta", outra "incorreta" - deve-se muito mais a fatores sócio-econômicos do que lingüísticos.

A Lingüística, através de estudos e pesquisas, vem tentando desconstruir este preconceito da não aceitação de diferentes falares, tratando todas as variações como formas válidas de comunicação.

Essas pesquisas têm como suporte teórico a Teoria Variacionista de Labov. Segundo esta teoria "a variação não ocorre acidentalmente, é intrínseca a toda língua natural, porque é um recurso utilizado pelo usuário".

Embora este trabalho não seja inédito e careça de aprofundamento, esperamos que, somado a outros, possa contribuir, ainda que minimamente, para a redução desse preconceito.

OBJETIVOS

1. Identificar, num *corpus* resultante do registro de discursos políticos (discurso cuidado) as estratégias de utilização do conector "que", quer como relativizador quer como complementizador, em enunciados sentenciais subordinados;

2. Descrever esses fenômenos à luz da lingüística, de forma a caracterizar a variável dependente em estudo (uso do conector "que" em enunciados sentenciais subordinados).

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

A linguagem, vista como fenômeno social, não pode ser estudada desvinculada de sua função sócio-comunicativa. Assim, é nesse campo de trabalho que a Sociolingüística vem investigando a língua e suas variações, dentro da estrutura e dos valores da sociedade. Labov (1976:47) coloca isto de uma forma bem clara

quando diz: "É impossível compreender a progressão de uma mudança de língua fora da vida social da comunidade onde ela é produzida".

Na década de 60, este autor apresentou os primeiros resultados de suas pesquisas sobre as relações entre linguagem, classe social e sobre as variedades do inglês não-padrão, usadas por diferentes grupos étnicos dos Estados Unidos, particularmente por negros e porto-riquenhos da cidade de Nova Iorque, centrando seus estudos numa metodologia quantitativa. Com esse primeiro passo, ao introduzir regras variáveis - método que permite avaliar a tendência de falantes, no uso de uma ou outra variação - Labov já apresentou uma relevante contribuição. Dessa forma, apesar de não ser o primeiro a realizar estudos sociolingüísticos, Labov acrescenta muito ao insistir na relação entre língua e sociedade, a língua vista com toda a heterogeneidade de que é dotada uma comunidade.

Referindo-se à heterogeneidade Mollica (1992:13) diz: "Quando expressas em eventos de fala, todas as línguas naturais humanas apresentam um dinamismo inerente, o que vale dizer que elas são heterogêneas por natureza". Ainda segundo Mollica (op. cit.), o português falado no Brasil apresenta um considerável exemplo de heterogeneidade, pois nele podemos encontrar, muitas vezes, várias formas lingüísticas equivalendo a um mesmo significado.

A Sociolingüística defende a heterogeneidade como própria da língua e se preocupa em sistematizar as variações, que para Labov

falantes. Estuda portanto a variação, tanto no que se refere aos fatores físico-geográficos (diatópicos) quanto aos diferentes estratos sociais (diastáticos), encarregando-se de diagnosticar as variáveis que contextualizam as variantes e de descrever seu comportamento preditivo. Scherre (1988) pesquisou a atuação das variáveis, de diferentes maneiras, demonstrando assim que a metodologia apontada pela Teoria Laboviana propicia a descoberta de fatores que influenciam no comportamento das variáveis.

Essas mudanças (variações) ocorrem a partir de pressões internas (lingüísticas) e externas (sociais), concretizadas dentro de um grupo social. Às formas de variação estão condicionadas as variantes que podem ser estudadas numa relação de oposição: **padrão X não-padrão; conservadora X inovadora; de prestígio X estigmatizada.**

O fato de falantes de uma mesma língua empregarem diferentes formas para dizer a mesma coisa revela uma heterogeneidade própria da língua, entendida por Labov como manifesto de uso real de falantes reais em processo de comunicação (cf. Lemle, 1978:64).

Análises realizadas por Omena, Scherre, Tarallo e outros detectam que o encaixamento de uma variável em sua estrutura lingüística, para descoberta dos condicionadores da variação, revelam a importância da posição, função e ausência do item lexical no sintagma ou na oração. Tarallo testou o fator **distância** entre o SN cabeça e a sentença relativa verificando então o aparecimento do

pronome *cópia* quando os elementos intercalados vêm depois do relativizador *Que*.

Mollica (1991) realiza uma análise multivariacional Laboviana de base quantitativa demonstrando em (De)queísmo: Variação em conexões intersentenciais a possibilidade deste estudo em Português, tal como o fazem Rabanales (1974) e García (1986) para o espanhol. Em sua pesquisa, Mollica conclui estar o (De)queísmo regulado pelos princípios da Analogia, Processamento e Iconicidade que se referem respectivamente a processos associativos, a fatores psicolinguísticos e a uma estratégia icônico-simbólica dos propósitos definidos. O Princípio da Analogia pressupõe a existência de uma motivação por "cruzamento sintático"; o Princípio do Processamento admite o paralelismo morfo-sintático e o distanciamento físico-mecânico entre o elemento nuclear da matriz e a fronteira intersentencial; o Princípio da Iconicidade, como mecanismo de comprometimento ou não locutor com sua proposição.

Em decorrência de tantas pesquisas e evidências de que a fala nem sempre adota a norma padrão mas sim os chamados "erros" - pelas gramáticas normativas - é que a Sociolinguística repensa determinadas regras impostas pela norma padrão, criada por poucos, como apenas variações próprias da heterogeneidade da língua e representativas da interferência dos sujeitos que a fazem e do sentido dos enunciados.

Esse referencial teórico se constitui o suporte da análise do *corpus* que será trabalhado a seguir.

METODOLOGIA

1. Pré-pesquisa

Para definição do fenômeno a ser trabalhado efetuou-se uma pré-pesquisa em diversos locais, no intuito de detectar ocorrências lingüísticas nos diferentes falares da cidade de Maceió.

2. Sujeitos da Pesquisa

Foram gravados - do horário político gratuito na televisão, nos dias 27 e 28 de setembro de 1994 - discursos de 34 candidatos a Deputados Estadual de 20 candidatos a Deputado Federal pelo Estado de Alagoas, com nível de escolaridade de 2^o e 3^o graus.

3. Procedimentos e Instrumentos

Realizamos a coleta de dados por meio de gravações, com a ajuda de um gravador de bolso. Nesta etapa fizemos gravações de conversas informais, sem que os informantes tivessem conhecimento prévio da gravação, em lojas do Shopping e em lojas do Centro da cidade. Como estávamos em período de campanha eleitoral, gravamos também comícios políticos e propaganda eleitoral do horário político gratuito da televisão, referente ao ano de 1994, em Alagoas. Após a coleta de dados, o passo seguinte foi a delimitação do fenômeno a ser estudado.

No material gravado foi escolhida a variável dependente complexa uso do conector **QUE** em enunciados sentenciais subordinados, quer como relativizador, quer como complementizador. Este fenômeno, observado em todas as gravações, foi detectado com maior frequência na propaganda política eleitoral. No estudo da variável escolhida estabelecemos o fator lingüístico: não realização da preposição que precede o conector "que", tanto como complementizador quanto como relativizador, e dois grupos de fatores sociais: nível de escolaridade, formalidade e informalidade do discurso. Sobre tal fenômeno, encontramos referência em Mollica (1991:37): "Das estratégias de relacionar enunciados sentenciais subordinados, a língua portuguesa utiliza sobretudo o conector 'que', tanto como complementizador quanto como relativizador".

Em Scherre (1992:121), vimos que "uma dada variável pode ser binária ou eneária. Será binária se o número de variantes for dois; será eneária se o número de variantes for maior do que dois".

No nosso *corpus*, foram detectadas ocorrências de variáveis binárias (presença / ausência da preposição nas completivas) ocorrência de variáveis ternárias (presença / ausência da preposição / presença do pronome cópia, nas relativas). Muito embora só tenha sido realizado um enunciado com o pronome cópia, isto não nos impede de reconhecer a possibilidade de ocorrência também do pronome cópia em situações de fala.

Foram gravados discursos de 34 candidatos a deputado estadual e 20 candidatos a deputado federal, pelo Estado de Alagoas. Dos 54 candidatos gravados, 28 não produziram enunciados com a variável dependente em estudo.

ANÁLISE DO FENÔMENO

No *corpus* que ora analisamos, dentre 10 enunciados subordinados relativos, encontramos 05 realizações do conector 'que' precedido de preposição, 04 sem a realização - 'Ø que' - e 01 sem preposição e com o pronome cópia - Ø que + pronome cópia. Vejamos os dados:

Variante Padrão:

1. "... o resultado é que, quem trabalha tem de dividir o salário com quem não trabalha...".
2. "... meus amigos, minhas amigas, conterrâneos de quem tanto gosto, União precisa de um representante na Assembléia...".
3. "... no pouco tempo em que estivemos exercendo um mandato de deputado, trabalhamos num grande projeto...".
4. "... eu queria aproveitar o ensejo para agradecer a todos a paciência com que me ouviram, com que me assistiram...".
5. "... eles são responsáveis por todo o estado de falência em que se encontra Alagoas...".

Lemle (op.cit.) diz que, além da forma padrão, expressa em sentenças como (5) poderemos ter duas versões não-padrão, em realizações como:

Eles são responsáveis pelo estado de falência Ø que se encontra Alagoas.

Eles são responsáveis pelo estado de falência Ø que Alagoas se encontra nele.

Variantes Não - padrão:

6. "Meus amigos, (...) quero dedicar esse programa à região sertaneja, por exemplo, Água Branca. Água Branca terra Ø que eu nasci, terra Ø que dei meus primeiros passos políticos..."

7. "... não ceda a chantagens. Principalmente nesta época de eleição Ø que é muito comum..."

8. "... é chegado o momento Ø que, através do vosso voto, procuramos eleger os candidatos que realmente tenham condições de representar o nosso povo..."

9. "... a liberdade Ø que todo ser humano tem direito. O voto tem que ser livre..."

Nas sentenças de 6 a 9 observamos a ausência da preposição e do pronome cópia na oração relativa. De acordo com Lemle (1978), "esta modalidade costuma ser rotulada como **relativização cortadora**".

A sentença 10 expressa a variante caracterizada pela presença do pronome cópia na oração relativa.

10. "... desejo continuar o trabalho proficuo da família H. O desejo da família H. Ø que sempre o seu lema é o trabalho...".

A esta fala não padrão corresponde a forma padrão:

O desejo da família H., cujo lema é o trabalho

E mais outra não-padrão:

O desejo da família H., que o lema é o trabalho.

O quadro abaixo é um demonstrativo das produções que utilizam o conector **QUE** como relativizador:

Quadro A:

N ^o de falantes	Relativa Padrão	Relativa não - padrão	
		com pronome cópia	relativização cortadora
10	5 (50%)	1 (10%)	4 (40%)

Mollica no seu estudo sobre o "(De)queísmo" afirma que dentre os fenômenos que regulam essa variação encontra-se o **Princípio da Analogia**. Este princípio pressupõe que o uso ou não da preposição antes do conector '**QUE**' é motivado por **cruzamento sintático** (controla a possibilidade e a não-possibilidade do uso da preposição em construções sintático-semanticamente equivalentes) (cf. Mollica, 1991:42). Vejamos o exemplo:

1. A casa que eu comprei é boa. 1a. A casa Ø que eu moro é boa.

Observamos que as duas orações possuem estruturas frasais correlatas, distinguindo-se apenas pela regência dos verbos que, por

Observamos que as duas orações possuem estruturas frasais correlatas, distinguindo-se apenas pela regência dos verbos que, por sua vez, modificam a função do conector 'QUE'. Essa analogia, portanto, poderá motivar o não uso da preposição na oração 1a.

Caso semelhante encontramos nas sentenças relativas do nosso *corpus*, já citadas anteriormente (de 6 a 9):

6. "... Água Branca terra Ø que eu nasci, terra Ø que dei meus primeiros passos políticos..."

6a. ... Água Branca terra que cresce, terra que prospera..." (estrutura que admite paralelo semântico-estrutural com a anterior).

7. "... principalmente nesta época de eleição Ø que é muito comum..."

7a. ... principalmente nesta época de eleição que se caracteriza pelo clientelismo..." (estrutura correlata com a sentença 7).

8. "É chegado o momento Ø que, através do vosso voto..."

8a. É chegado o momento que você tanto temia. (estrutura correlata com a sentença 8).

9. "A liberdade Ø que todo ser humano tem direito..."

9a. A liberdade que todo ser humano almeja (estrutura correlata com a sentença 9).

Nos enunciados onde o 'QUE' é complementizador encontramos 07 realizações do conector 'QUE' precedido de

preposição e 13 sem a preposição - 'Ø QUE' - como podemos constatar a seguir:

Variante padrão:

1. "... e tenho certeza **de que** L.F. lutará e ajudará a resgatar a imagem de Alagoas no cenário nacional".

2. "... eu tenho absoluta convicção **de que** irá melhorar o desempenho da nossa polícia".

3. "... isto é um retrato fiel **de que** W.L. vem trabalhando em prol da região sertaneja alagoana".

4. "... eu estou convencido **de que** daqui a 4 dias terei a honra de contar com o voto de milhares de alagoanos...".

5. "... tenho certeza **de que** muitos de vocês, alagoanos, já se decidiram por minha candidatura".

6. "... quero agradecer às lideranças políticas da capital que estão empenhadas no sentido **de que** consigamos voltar à Assembléia Legislativa..."

7. "... nós temos plena consciência **de que** D.S. é o governador eleito de Alagoas..."

Variante não-padrão:

8. "... tenho certeza **Ø que** eleito deputado estadual com o voto do povo alagoano..."

9. "... o Governo Federal reduz o número de vagas, reduz os salários dos servidores públicos sob a justificativa Ø que esse salário é inflacionário..."

10. "... temos a convicção, com isso, Ø que a marcha dos 30 mil é uma marcha vitoriosa".

11. "... tenho certeza Ø que fielmente cumpro com minhas obrigações como parlamentar..."

12. "... vocês são testemunhas Ø que eu coloquei o espaço que aqui está para o Prefeito prestar conta desse projeto..."

13. "... volto com a certeza Ø que esta candidatura é vitoriosa..."

14. "... você que sempre confiou na família H. tenha a certeza Ø que C.H. não irá decepcionar..."

15. "... Quero dizer, alagoano, que confio em você. Olho no olho, cara na cara. Tenho certeza Ø que conto com você no dia 03 de outubro".

16. "... não tenho a menor dúvida Ø que (...) farão do mandato uma festa contínua.

17. "... tenho certeza também, alagoanos, Ø que não macularei esta confiança que está em mim sendo depositada".

18. "... eu sei que existe uma parcela muito grande, alagoanos, que está decidida a renovar a Assembléia Legislativa. Eu tenho confiança Ø que você faz parte dessa parcela".

19. "dei, minha irmã, apenas uma garantia Ø que continuarei sendo o deputado mais trabalhador de Alagoas".

Um outro princípio citado por Mollica (1991:43) como regulador da presença / ausência de preposição antes do conector "QUE" é o Princípio do Processamento, ao qual se relacionam fatores psico-lingüísticos. Dentre esses fatores a autora destaca o parâmetro do distanciamento "que se caracteriza pela relação de localização entre verbo, nome, expressões em geral e a fronteira intersentencial".

No nosso *corpus* podemos verificar a existência do distanciamento nas sentenças 10 e 17:

10. "... temos a convicção, com isso, Ø que a marcha dos 30 mil é uma marcha vitoriosa".

17. "... tenho certeza também, alagoanos, Ø que não macularei esta confiança que está em mim sendo depositada".

Com relação à sentença 20, observamos que o enunciante intercalou tantos elementos entre o elemento nuclear da matriz e a fronteira intersentencial que abandonou a sentença matriz, sem realizar a sua complementização:

20. "... quero aproveitar para me despedir de forma mais calorosa. Tenho pois a confiança, passados esses meses de campanha e, após as nossas conversas aqui pela televisão Ø eu estou convencido de que daqui a quatro dias...".

O fator distanciamento como condicionador do uso/não uso da preposição está evidente também nas sentenças 5 e 17 (produzidas pela mesma pessoa, separadas aqui, por nós para efeito de estudo),

O fator distanciamento como condicionador do uso/não uso da preposição está evidente também nas sentenças 5 e 17 (produzidas pela mesma pessoa, separadas aqui, por nós para efeito de estudo), onde se percebe que o falante, quando não intercala elementos entre o núcleo da matriz e a fronteira intersentencial, usa a preposição:

5. "... tenho certeza **de que** muito de vocês, alagoanos, já decidiram por minha candidatura".

Mas quando intercala elementos, não usa a preposição:

17. "... Tenho certeza também, alagoanos, \emptyset **que** não macularei esta confiança que está em mim sendo depositada".

É provável que o Princípio da Analogia já aplicado às orações relativas também possa motivar as estratégias de utilização do conector "QUE" como complementizador (sem a preposição).

Para as sentenças de número: (8), (11), (14), (15), (16), (18), com a estrutura frasal verbo + nome + (de) que, teríamos estruturas com equivalência semântica, onde o conector "QUE" prescinde da preposição, muito embora não possamos encontrar equivalência morfo-sintática:

- | | |
|---|--|
| 8. "... tenho certeza \emptyset que ..." | 8a. A certeza que eu tenho... |
| 16. "... não tenho a menor dúvida \emptyset que ..." | 16a. A dúvida que eu não tenho... |
| 18. "... eu tenho confiança \emptyset que ..." | 18a. A confiança que eu tenho... |

O mesmo podemos afirmar em relação às sentenças (9), (12) e (19), às quais correspondem respectivamente:

9. "... o Governo Federal reduz (...) sob a justificativa Ø que..."

9a. A justificativa que o Governo Federal apresenta...

12. "... vocês são testemunhas Ø que..."

12a. As testemunhas que eu arrolei (...) são vocês...

19. "... dei (...) uma garantia Ø que..."

19a. A garantia que eu dei...

Com relação à sentença 13 teríamos uma estrutura correlata com o uso do pronome cópia:

13. "...volto com a certeza Ø que..." 13a. A certeza Ø que eu volto com ela...

Nessas estruturas correlatas, o conector Que toma-se relativizador e assume a função de objeto direto.

O quadro a seguir retrata, em percentual, o índice de frequência no desempenho dos falantes, quanto ao uso do conector QUE complementizador:

Quadro B

N ^o de falantes	Completiva Padrão	Completiva Não-padrão
20	7 (35)%	13 (65)%

No que se refere à variante não-padrão, constatamos a presença de dois princípios - do processamento e da analogia - como reguladores das realizações, conforme quadro C:

Quadro C

N ^o de realizações	VARIANTE NÃO - PADRÃO	
	Princípio do Processamento (com distanciamento)	Princípio da Analogia
13	3 (15.38)%	10 (84.61) %

Através dos Princípios da Analogia e do Processamento (Mollica, 1991) observamos diferentes formas da mesma variação, motivadas por condicionamentos lingüísticos em estruturas complexas (cruzamento sintático). A hipótese dos correlatos morfo-sintáticos, utilizada por Mollica (1991), para confirmar sua importância na explicação do fenômeno Queísmo X Dequeísmo é, segundo a autora, defendida por Rabanales e outros autores, como principal causa para tal fenômeno. Adotamos tais princípios para estudo do *corpus* deste trabalho, a nosso ver confirmado na produção da maioria dos informantes selecionados.

Elegemos como condicionadores extra-lingüísticos os fatores nível de escolaridade e formalidade X informalidade no discurso.

Em relação ao primeiro fator extralingüístico (nível de escolaridade), detivemo-nos na observação de distinções como forma de prestígio X forma desprestigiada. A forma de prestígio (norma padrão) consagrada nas gramáticas como regras que devem ser

aprendidas e aplicadas em contextos mais formais, entre falantes de posição social mais elevada; a desprestigiada, muitas vezes até estigmatizada, sendo seus usuários criticados e vistos como pessoas de posição menos elevada. Esta forma é vista pelas gramáticas, como problemas que devem ser, de qualquer maneira, resolvidos e combatidos nos falantes.

Sabemos que a língua existe como "forma" na fala e que os fatos de língua se realizam não somente nas palavras mais também nas funções sintáticas e, dessa forma, língua e fala não podem ser dissociadas e não podemos simplesmente repudiar formas, como as que estamos tentando analisar aqui, como "erros", aos quais podemos tecer críticas, nem estratificar as diversas ocorrências como é estratificada a nossa sociedade. Em Coserius (1979:50) encontramos a seguinte asserção: "Faz alguns anos, ao estudar a língua de um poeta romeno, numa comunicação lida em dezembro de 1948 no 'Sodalizio glottologico milanese', observávamos que as inovações, mormente as sintáticas e semânticas, comprovadas na expressão daquele poeta, ainda que absolutamente inéditas, audazes e surpreendentes e, de algum modo, 'anormais', não se tomam aberrantes do ponto de vista do sistema, não são percebidas como 'erros', não chocam o 'sentido linguístico' dos leitores homoglotas". Por extensão, fazemos nossas as palavras de Coserius, em relação às variantes apresentadas no *corpus* que é objeto deste trabalho.

Nossos informantes, na sua grande maioria, cursaram até o 3^o Grau, conforme quadro a seguir:

Quadro D:

N ^o de falantes	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	
	2 ^o Grau completo	3 ^o Grau completo
25	5 (20%)	20 (80%)

Se a norma padrão é objeto de estudo de todo o período de escolarização, era de se esperar que, quanto maior o nível de escolaridade, mais de acordo com a forma padrão fosse o desempenho dos falantes. No entanto, esta hipótese não se confirma no *corpus* em estudo.

Dos falantes com nível de escolaridade de 2^o Grau apenas 1 produziu enunciados de acordo com a norma padrão (**preposição + que**) e 4 produziram enunciados com a variante não-padrão (**Ø que**).

Dentre os 20 falantes com escolarização em nível de 3^o Grau 2 representam oscilação entre o uso / não uso da preposição no mesmo enunciado (**preposição + que** e **Ø que**). Dos 18 restantes, 7 produziram enunciados de acordo com a norma padrão (**preposição + que**) e 11 produziram enunciados com a variante não-padrão (**Ø que**):

Quadro E

N ^o de falantes	Variante padrão	Variante não-padrão	Oscilação
20	7 (35%)	11 (55%)	2 (10%)

recurso de uma aparelho denominado "teleprompter" - nos meios de comunicação visual. Portanto, estariam todos em igualdade de condições para a realização de um dialeto padrão, sem as possíveis variações. No entanto isto não aconteceu. Por que?

Estariamos nos deparando com uma situação em que forma é unicamente determinada como norma padrão pelos gramáticos, mas não incorporada pela fala? As normas estabelecidas pelas gramáticas parecem não levar em consideração a possibilidade de uma outra norma, constituída pelos sujeitos. Apesar das condições dos nossos informantes, que apresentamos acima como possivelmente homogêneas, temos que considerar o sujeito que existe em cada discurso que, nos parece, rejeita um discurso que lhe é preparado antecipadamente, às vezes por terceiros, cuidado, trabalhado mas sem a espontaneidade de sua própria fala. Voltamos então à pergunta que fizemos no início deste parágrafo: **a presença da preposição que antecede o 'que' relativizador ou complementizador** pode ser sustentada pelas gramáticas, quando se observa que falantes que tiveram oportunidade de completar sua escolarização até o 3^o Grau, na maioria das vezes, não fazem uso de tal regra?

Por que, como constatamos em nosso *corpus*, há falantes que produzem e não produzem a norma padrão num mesmo enunciado? Há indícios de que existe um conhecimento da norma padrão, desde que o falante a produz algumas vezes. Há uma situação de conhecimento e outra de uso?

Há indícios de que existe um conhecimento da norma padrão, desde que o falante a produz algumas vezes. Há uma situação de conhecimento e outra de uso?

CONCLUSÃO:

Muito embora reconheçamos que o presente trabalho não esgota, nem de longe, a questão em estudo, temos alguns indicadores de que este fenômeno do uso do conector **QUE** sem a preposição - quer com relativizador, quer como complementizador - pode caracterizar um processo de mudança lingüística em andamento. A variante \emptyset que sugere uma inovação do português do Brasil, pois vem atingindo falantes com escolarização até o 3^o Grau, em situações de presumível formalidade. Assim, há indícios aqui de contextos extra-lingüísticos que contradizem a idéia de que o acesso à norma padrão, considerado como troca de papéis sociais, resolve a "correção" e unificação do uso da língua. Parece-nos, no caso em questão, ser a regra de presença da preposição que antecede o **QUE** (relativizador e complementizador), uma "pressão prescritiva" da gramática normativa que não consegue a aceitabilidade da língua falada.

A verificação de mudanças lingüísticas tem respaldo na Teoria da Variação Lingüística de William Labov - "modelo teórico-metodológico que assume o 'caos' lingüístico como objeto de estudo"

(Tarallo, 1990:06), e se apoia em fatores diversos, a exemplo dos que indicamos neste trabalho.

A Sociolinguística possui propostas que, se aplicadas, poderão contribuir para uma nova postura no ensino de línguas. Esta mais do que na hora de empreendermos uma efetiva mudança de atitudes, no que concerne à inserção da fala, no trabalho com a Língua Portuguesa nas escolas. A língua e a fala, em todas as suas manifestações, constituem todo um processo de interação social. No entanto, precisamos enfatizar o aspecto mutacional que a fala possui, influenciando a língua e por ela sendo influenciada. As variantes que se nos apresentam como fonte de estudo são componentes vivos da amplitude de variações que a língua possibilita, quando expressas em momento de fala.

É necessário que seja assumida uma postura imediata de ação. Isto requer uma mudança de atitude no fazer pedagógico. Lembremos que a história da humanidade, em qualquer âmbito que se dê, é realizada com e através da participação das pessoas.

Referências bibliográficas

ASSIS, Rosa Maria. Variações linguísticas e suas Implicações no Ensino do Vernáculo: uma abordagem sociolinguística, In: Ilha do Desterro N^o 20, Florianópolis - Santa Catarina, Editora da USFC, 1988.

COSERIUS, Eugenio. Teoria da Linguagem e Linguística Geral, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

- LABOV, William.** Sociolinguistique, Paris, Editions de Minuit, 1976 (versão francesa de Labov, 1972).
- LEMLE, Miriam.** Heterogeneidade Dialetal, In: Revista Tempo Brasileiro, Cadernos Didáticos UFRJ N^o 53, 54, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1978.
- LOBATO, Lúcia.** Linguística e Ensino de Vernáculo, In: Revista Tempo Brasileiro, Cadernos Didáticos UFRJ N^o 53, 54, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1978.
- MICHLINE, Giselle de Oliveira e Silva.** Coleta de Dados, In: Cadernos Didáticos UFRJ N^o 04, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1992.
- MOLLICA, Maria Cecília,** Introdução a Sociolinguística Variacionista, In: Cadernos Didáticos UFRJ N^o 04 Unidade 01, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1992.
- _____. (De) queísmo: Variações em Conexões Intersentenciais, In: A variação do Português do Brasil, In: Revista do Instituto de Letras das Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Organon, N^o 18, Vol. 5, Rio Grande do Sul, Editora Suliani Editografia Ltda., 1991.
- OMENA, Nelize Pires.** Influências Morfo-Sintáticas e Semânticas, In: Cadernos Didáticos UFRJ N^o 04 Unidade 05, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1992.
- SCHERRE, Marta Maria Pereira,** Levantamento, Codificações, Digitação e Quantificação dos Dados, In: Cadernos Didáticos UFRJ N^o 05 Unidade 13, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1992.
- TARALLO, Fernando,** A Pesquisa Sociolinguística, São Paulo, Editora Ática S. A., Edição 3, 1990.
- VOTRE, Sebastião,** Escolaridade, In: Cadernos Didáticos UFRJ N^o 04 Unidade 08, Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1992.

ANEXO

CORPUS coletado no horário político eleitoral gratuito na televisão nos dias 27 e 28 de setembro de 1994.

Informantes - Candidatos a deputado estadual e deputado federal pelo estado de Alagoas, à eleição de 1994

Nível de escolaridade - 2^o e 3^o graus.

Número de informantes - 54

Números de turnos - 27

Número de ocorrências - 31

Número de ocorrências com
proposição + que -

13 (sendo 07 casos do que
relativizador e 06 do que
complementizador.

Número de ocorrências com
Ø que -

18 (sendo 06 casos do que
relativizador e 12 do que
complementizador.

* Para assinalar as pausas nas falas dos informantes usaremos os símbolos:

Pausa curta;
- - Pausa média;
- - - Pausa longa;
//// Pausa muito longa.

T 1 - "... Meus amigos - - se este guia eleitoral continuar no ar por mais 30 dias # com tantos políticos corruptos e ladrão se

apresentando aqui # no guia eleitoral (...) eles que são responsáveis por todo o estado de falência em que se encontra Alagoas # ...".

T 2 - "... Tenho certeza - - eleito deputado estadual # com o voto do povo alagoano - - assim como eu defendo o município arapiraquense - - Ø que eu quero defender o Estado de Alagoas - - ao lado de D. S. ...".

T 3 - "... o resultado - - é que - - que trabalha - - tem de dividir o salário com quem não trabalha - - ...".

T 4 - "... Meus amigos # minhas amigas # conterrâneos de quem tanto gosto - - União está sem um representante na Assembléia - - - Eu quero ser esse representante, meus amigos palmarinos ...".

T 5 - "... O Governo Federal - - que reduz o número de vagas - - e reduz # o salário é dos servidores públicos federais - - sob a justificativa Ø que esse salário é inflacionário - - querem diminuir mais uma vez o tamanho de Estado - - ...".

T 6 - " Meus amigos - - - sou deputado federal - - (...) - - e hoje sou candidato a deputado estadual - - - Quero dedicar este programa principalmente à região sertaneja - - por exemplo - - - Água Branca - - - Água Branca - - terra Ø que eu nasci - - terra Ø que eu dei meus primeiros passos políticos - - ...".

T 7 - "... - - - E tenho certeza - - - de que L. F. lutará - - - e ajudará a resgatar - - a imagem do Estado de Alagoas - - no cenário nacional".

T 8 - "... - - - eu tenho absoluta convicção - - - de que isso irá melhorar o desempenho da nossa polícia".

T 9 - "... - - - não ceda a chantagens # principalmente nesta época de eleições # Ø que muito comum ...".

T 10 - "... - - - Temos a convicção - - - com isso - - - Ø que a marcha dos 30 mil - - - é uma marcha vitoriosa ...".

T 11 - "... - - - No pouco tempo em que estivemos - - exercendo um mandato de deputado - - trabalha num grande projeto para a criação - - de uma universidade estadual no interior alagoano - - - ...".

T 12 - "... é chegada o momento - - - Ø que, através do vosso voto - - - procuramos eleger - - - outros candidatos - - - que realmente tenham condições - - - de representar o nosso povo - - - ...".

T 13 - "... Isto - - - é o retrato # fiel de que W. L. - - vem trabalhando em prol da região sertaneja alagoana - - - ...".

T 14 - "... - - - a liberdade # Ø que todo ser humano tem direito - - - (...) e eu conto com você # nesta caminhada - - - ...".

T 15 - "... - - - tenho certeza Ø que fielmente - - cumpri com as minhas obrigações como parlamentar - - - ...".

T 16 - "... vocês são testemunhas - - Ø que eu coloquei este espaço que aqui está - - para que o Prefeito R. L. - - viesse aqui - - e prestasse conta desse projeto - - - ...".

T 17 - "... - - - volto - - - com a certeza Ø que esta candidatura - - - é vitoriosa - - - é vitoriosa porque ela tem proposta - - - ...".

T 18 - "Quero aproveitar //// para me despedir - - - de forma mais calorosa - - pois tenho a confiança - - - passados esses meses de campanha //// e após - - as nossas conversas aqui pela televisão - - - Ø eu estou convencido # Ø que - - - daqui a quatro dias - - terei a honra - - de contar com o voto - - - de milhares e milhares de alagoanos - - e chegar ao Congresso Nacional ...".

T 19 - "... - - - o desejo - - da família H. - - Ø que sempre o seu lema é o trabalho - - - é continuar procurando desempenhar seu papel - - (...) Você que sempre confiou na família H. - - - tenho a certeza Ø que C. H. - - não irá decepcionar - - - ...".

T 20 - "... quero dizer -- alagoano -- que confio em você -- olho no olho -- cara na cara --- Tenho certeza --- Ø que conto com você no dia 3 de outubro --- ...".

T 21 - "... --- Quero aproveitar essa mensagem última -- para agradecer # às lideranças políticas da Capital e do interior -- que estão empenhados no sentido de que consigamos voltar à Assembléia Legislativa -- para defender Alagoas -- ...".

T 22 - "... --- aqueles que fazem festa # no momento de # uma -- eleição --- ao chegarem a Assembléia Legislativa # não tenho a menor dúvida -- Ø que farão de mandato # uma festa contínua -- esquecendo naturalmente os seus deveres -- ...".

T 23 - "... -- eu queria aproveitar o ensejo # para agradecer a todos -- a preferência com que me ouviram -- com que me assistiram em suas casas --- ...".

T 24 - "... --- tenho certeza de que muitos de vocês -- alagoanos -- já se decidiram por minha candidatura -- -- (...) Tenho certeza também -- alagoanos --- Ø que não macularei # esta confiança # que está em mim sendo depositada --- ...".

T 25 - "... --- Eu sei que existe # uma parcela muito grande -- de cidadãos e cidadãs em Alagoas -- que está decidida a modificar # renovar a Assembléia Legislativa --- Eu tenho confiança Ø que você faz parte --- dessa parcela --- ...".

T 26 - "... Dei # minha irmã # apenas uma garantia -- -- Ø que continuarei sendo # o deputado # mais trabalhador de Alagoas --- ...".

T 27 - "... --- Nós temos plena consciência --- de que D. S. -- é o Governador eleito # do Estado de Alagoas -- ...".